

Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 4 - Ano 2 - Nº 4 - Julho / 2014

ISSN 2317-8612

5 – JUNG E A ARTE¹

Celeste Carneiro²

Carl Gustav Jung, em 1910, encontrava-se em toda pujança da sua carreira profissional e pessoal. Presidente da Associação de Psicanálise Internacional, convivia estreitamente com Freud, com Bleuler e tantos outros cientistas de renome internacional.

Tinha deixado o cargo de Professor de Psiquiatria para se dedicar a enorme clientela, em Zurique (Suíça), assim como às suas pesquisas sobre a estrutura psicológica da esquizofrenia, os complexos afetivos, sendo estes estudos sua primeira contribuição para a Psicologia. Já tinha publicado trabalhos sobre as associações, demência precoce (esquizofrenia) e sobre as psicoses.

No auge do sucesso profissional, aconteceu o que diz Luis Fernando Veríssimo: “Quando pensamos que sabemos todas as respostas, vem a vida e muda todas as perguntas”...

A convivência estreita com Freud levou-o a perceber que divergiam em vários pontos sobre o psiquismo humano. No entanto, não possuía um conceito bem estruturado sobre o que entendia e que sabia ser diferente das ideias de Freud.

Entrou em crise. Publicou o livro “Símbolos da Transformação” onde havia um capítulo que ia de encontro com o pensamento de Freud sobre a libido. Esta foi a gota d’água para que ambos se separassem.

Com o rompimento dessa amizade Jung começou um período de vida cheio de incertezas, de desorientação e perturbação. O que mais desejava era conseguir atender seus clientes com uma nova postura, abrindo-se à escuta do que eles lhe diziam.

Como disse mais tarde: *Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.*

Ao escutar os sonhos e fantasias que lhe eram trazidos pelos enfermos mentais, ele perguntava: “O que pensa disso?” ou: “Como compreende isso? De onde vem essa imagem?” As interpretações vinham naturalmente, e Jung os ajudava a dar o significado de suas próprias imagens.

Procurou ver em si mesmo a resposta para a perturbação em que se encontrava, buscando as imagens da infância que afloravam à sua mente, mas não conseguiu e entregou-se à sua intuição, ou, ao seu inconsciente.

Seu inconsciente o levou à idade de 10 ou 12 anos, quando se dedicava com muita paixão a brinquedos de montar, de construir. Naquela época, gostava de edificar casinhas, castelos, usando garrafas como suporte. Mais tarde, construía castelos com pedras naturais e terra argilosa como argamassa, que o deixavam fascinado!

Estas lembranças eram tão vívidas e vinham carregadas de emoção.

Jung compreendeu o valor das imagens e das emoções a elas associadas, o que serviu de ponto importante na estruturação da sua forma de clinicar. Diz ele:

Na medida em que conseguia traduzir as emoções em imagens, isto é, ao encontrar as imagens que se ocultavam nas emoções, eu readquiria a paz interior.

¹ Adaptação da palestra realizada na abertura dos cursos de pós-graduação do Instituto Junguiano da Bahia – IJBA, em 05/04/2014 – Salvador - BA.

² **Celeste Carneiro** – Arteterapeuta, terapeuta junguiana e transpessoal. Professora e supervisora no curso de especialização em Arteterapia do IJBA; coordenadora, professora e supervisora da pós-graduação em Arteterapia em Teresina-PI. www.artezen.org / cel5zen@gmail.com

Minha experiência ensinou-me o quanto é salutar, do ponto de vista terapêutico, tornar conscientes as imagens que residem por detrás das emoções (2002, p. 158).

A crise o conduziu por outra estrada... Para os chineses, a palavra crise é escrita com dois ideogramas: “perigo” e “oportunidade”, o que tem sido usado atualmente com a orientação: Na crise, tire o **s** e mude para *crie*.

Fig. 1 – Pintura de Jung



Foi o que Jung fez: passou a criar trabalhos artísticos, onde deixava seu inconsciente aflorar por meio de imagens fortes que ele investigava, comparava com o que sentia, anotava, e ia caminhando junto com as mensagens da sua emoção.

A primeira pintura, diz ele, se assemelhava a “um fluxo de lava líquida e incandescente; sua cristalização engendrou a pedra em que pude trabalhar.”

Logo depois, ele sonhou com um ser a quem deu o nome de Filemon – um sábio que o orientava, com quem conversava em suas meditações, tendo-o como o seu guru.

Em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, Jung pintou sua primeira mandala: um desenho circular que ele olhava mas não entendia o significado. Foi logo depois de ter escrito os *Septem sermones ad mortuos*.

Entre 1918 e 1919, Jung era comandante da Região Inglesa dos Internados de Guerra. Tinha por hábito desenhar pela manhã uma mandala, que ia guardando para ser analisada e confrontada com o que sentia, reconhecendo possuir um significado profundo. Eram verdadeiros tesouros para ele.

Um dia em que estava extremamente aborrecido com uma senhora que desejava convencê-lo a expor suas pinturas, desenhou uma mandala alterada, com uma parte do círculo amputada e sem simetria, sem harmonia. Compreendeu que a mandala era uma expressão do si-mesmo, da totalidade do ser que se expressa de acordo com o seu estado. Era

“Formação – Transformação, a atividade eterna do eterno sentido” (2002, p. 173).

Ao compreender o significado dos seus desenhos e pinturas começou a sair da crise que obscurecia sua vida. Passou a ver uma luz no fim do túnel.

Só quando comecei a pintar as mandalas vi que o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que devia dar, tudo convergia para um dado ponto, o do centro. Compreendi sempre mais claramente que a mandala exprime o centro e que é a expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, à individuação (2002, p. 174).

Considerava a mandala como correspondente à natureza microcósmica da alma.

Para chegar ao seu centro, ou ao si-mesmo, o movimento é circular e não em linha reta. É “circum-ambulatoria”.

Compreender isso deu-me firmeza e, progressivamente, restabeleceu-se a paz interior. Atingira, com a mandala – expressão do “si-mesmo” – a descoberta última a que poderia chegar.

Alguém poderá ir além, eu não (2002, p. 174).

Por intermédio da Arte ele percebeu o que chamou de *Função Transcendente*: o diálogo entre o consciente e o inconsciente, sendo o círculo a representação do si-mesmo onde o centro e a circunferência são o ser – o eu é o centro da consciência que acompanha esta movimentação e o si-mesmo é o centro dessa totalidade.

Essa idéia foi confirmada em 1927, num sonho, e Jung representou na mandala que deu o título de “A janela para a eternidade”.

Em 1928 ele pintou outra mandala que muito parecia com uma pintura chinesa. Ela tinha no centro um castelo de ouro que muito o intrigava. E, para surpresa sua, logo em seguida recebeu um manuscrito enviado por Richard Wilhelm, que tratava do tema sobre a alquimia chinesa taoísta, cujo título era *O segredo da flor de ouro*. Ele pedia que Jung fizesse um comentário para acrescentar ao seu manuscrito. O texto falava sobre um castelo amarelo, o germe de corpo imortal.

Isto, Jung chamou de sincronicidade, quando dois ou mais eventos possuem uma “coincidência significativa” relacionados de forma acausal. Depois ele escreveu o livro *Sincronicidade – um princípio de conexões acausais*.

Pintava suas emoções, suas lembranças e seus sonhos.

Um deles lhe trouxe a ideia da “sombra”, aquela parte desconhecida e desprezada que habita em nós, e da necessidade imperiosa de

manter a luz da consciência acesa, de cuidar dela.

De noite, num lugar desconhecido, eu avançava com dificuldade contra uma forte tempestade. Havia uma bruma espessa. Ia segurando e protegendo com as duas mãos uma pequena luz que ameaçava extinguir-se a qualquer momento. Sentia que era preciso mantê-la a qualquer custo, pois tudo dependia disso. Subitamente tive a sensação de que estava sendo seguido; olhei para trás e percebi uma forma negra e gigantesca acompanhando meus passos. No mesmo instante decidi, apesar do meu temor e sem preocupar-me com os perigos, salvar a pequena luz, através da noite e da tempestade (2002, p. 86).

Durante essa fase de intensa comunhão com o seu inconsciente, exteriorizando-o por meio de imagens, Jung construiu sua obra científica. Foram surgindo sua visão da psique e como lidar com ela. A ideia do inconsciente pessoal e do coletivo; os arquétipos de Mãe e Pai, a Persona, Sombra, Anima/Animus e o Self que costuma aparecer como o Velho Sábio / Velha Sábua...

Apoiado em terra firme agora, sentiu a necessidade de construir na pedra um símbolo do renascimento a partir deste elemento tão concreto, o que representava o seu processo de individuação. Assim, ergueu ele mesmo, a torre de Bollingen, com a aparência de um seio materno.

Fig. 2 - Torre de Bollingen

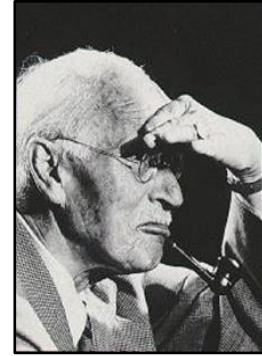


Aos oitenta e três anos decidiu escrever a história de sua vida, sua aventura e sua verdade.

*

Foi em 1920 que Jung passou a usar a arte com seus clientes, uma vez que este instrumento foi-lhe tão benéfico e revelador. Ele nunca imaginava que seu trabalho com arte fosse chegar tão longe...

Fig 3 – Carl Gustav Jung



Na mesma época o Dr. Rudolf Steiner, juntamente com a Dra. Ita Wegmann, na Suíça, recomendavam a arte para complementar os tratamentos nos hospitais, tendo Florence Cane como uma das praticantes dessa modalidade de tratamento.

Em 1923 o psiquiatra e psicanalista Osório César estudou as artes dos pacientes internos do Hospital do Juqueri, em Franco da Rocha (SP) e em 1925 fundou a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri.

Na década de 40 do séc. XX Margareth Naumburg sistematizou a arteterapia, mais voltada para expressões corporais, procurando atender a população marcada pela guerra.

Em 1946 a psiquiatra Nise da Silveira criou no Rio de Janeiro, no Centro Psiquiátrico D. Pedro II a Seção de Terapia Ocupacional, onde as mais diversas expressões artísticas eram estimuladas.

Em 1952 Nise da Silveira fundou o Museu do Inconsciente onde expõe, até hoje, os trabalhos dos seus pacientes em que aparecem imagens míticas, alquímicas, representadas em várias culturas e em distintas épocas, e que foram também captadas pelos doentes mentais, numa comprovação do inconsciente coletivo, estudado por Jung.

Fig. 4 - Pinturas dos pacientes da Dra. Nise da Silveira



Folder da exposição "Nise da Silveira - vida e obra"
Universidade Federal da Bahia - UFBA. 2006

O que mais impressionou a Dra. Nise da Silveira, foram os desenhos circulares, causando serenidade em quem os pintavam, como que

reorganizando a psique. Ela então enviou para Jung as fotografias do que imaginava ser mandalas, o que ele confirmou.

No Congresso de Psiquiatria, em Zurique, Nise levou os trabalhos dos seus pacientes para expor e Jung, assim como os demais presentes, ficaram impressionados com a beleza e profundidade das pinturas, retratos da alma.

Fig. 5 - Nise da Silveira ao lado de Jung, na exposição das mandalas na Suíça – Zurique.



A força dessas imagens, segundo Nise da Silveira, era um dos maiores mistérios da psique humana.

Com a evidência do potencial harmonizador da expressão criativa, interessados nesses estudos se reuniam em cursos, seminários, e se organizaram em Associações de Arteterapia.

A primeira Associação de Arteterapia foi criada em 1969, nos Estados Unidos. No Brasil, em 1982 foi fundada, no Rio de Janeiro, a Clínica Pomar, especializada em Arteterapia. Em 1999 surgiu a Associação de Arteterapia do Rio de Janeiro, no ano 2000 a Associação Baiana de Arteterapia e em 2003 a União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT que regulamenta as atividades e os cursos de arteterapia no Brasil. (CARNEIRO, 2010)

A UBAAT, com a colaboração incansável das Associações, conseguiu que o Ministério do Trabalho e Emprego incluísse, em 2013, a arteterapia na CBO - Classificação Brasileira de Ocupações.

A arteterapia está disponível para os mais diversos segmentos da sociedade: em Clínicas de saúde, na área educacional, hospitalar, saúde mental, reabilitação, nas áreas empresarial e organizacional, assim como nas áreas artística e social.

Mais de dois mil trabalhos científicos já foram publicados no setor de literatura médica e psicológica internacional, especialmente nos Estados Unidos e Europa, assim como livros no Brasil e no exterior, relacionados ao efeito da Arteterapia em diversas necessidades: autoconhecimento; pacientes de câncer;

dificuldade de aprendizagem; distúrbios psiquiátricos; recuperação de algumas lesões neurológicas; em idosos, cuidando do equilíbrio do humor e das funções cognitivas assim como melhora em indivíduos com mal de Alzheimer e outros tipos de processos demenciais (CARNEIRO, 2011).



Celeste Carneiro

Os efeitos da arteterapia são muito profundos. Através dos materiais de trabalho: pintura, modelagem, colagem, música, contos, teatro, etc. há estímulos sensoriais que despertam lembranças da nossa história que geralmente vêm carregadas de emoções – como ocorreu com Jung, o que ativa a função criadora e provoca o aparecimento de imagens que se configuram como símbolos do inconsciente pessoal e coletivo.

Qualquer ativação emocional associada com uma imagem gera uma experiência de memória... A memória pré-verbal (implícita/processual) é de natureza sensório-motora. O símbolo pode despertar memórias profundas.

Na Grécia antiga, quando amigos se separavam, entregavam um ao outro a metade de uma moeda para quando se reencontrassem juntarem as bandas da moeda para formar uma só, simbolizando o vínculo existente entre ambos. Daí a palavra símbolo, vem do grego: Sym = unir; Ballein = partes; Símbolo - “aquilo que une”.

Os símbolos ativam nosso Sistema Límbico e nossas emoções. Por meio deles chegamos ao complexo de emoções aonde se escondem nossas dificuldades e limitações, e que se mantinham ocultas da consciência. O arteterapeuta hábil e conhecedor das suas ferramentas de trabalho, assim como da alma humana, conduzirá o cliente neste universo simbólico, resgatando a criança ferida, a alma que se perdeu de si mesma...

Com os mais diferentes recursos o arteterapeuta busca identificar as sombras que nos habitam, trazendo-as à luz da consciência a fim de que nos mantenhamos em equilíbrio.

E assim a inteireza do Ser é devolvida e reestruturada, gerando a harmonia de viver.



Celeste Carneiro

Com a prática, o estudo e a experiência, por meio da arte poderemos compreender melhor a psique humana.

A energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem. Se nos é difícil entendê-las de imediato, não é por serem máscaras de conteúdos reprimidos, mas por se exprimirem noutra linguagem diferente daquela que consideramos única – a linguagem racional. Exprimem-se por meio de símbolos ou de mitologemas, cuja significação desconhecemos, ou melhor, já esquecemos” (SILVEIRA, 1992, p. 85 e 86).

E Jung também diz: *Todos os processos e efeitos de profundidade psíquica, representados pictoricamente, são, em oposição à representação objetiva ou 'consciente', simbólicos, quer dizer, indicam da melhor maneira possível, e de forma aproximada, um sentido que, por enquanto, ainda é desconhecido* (1985).

Para aprofundar nesses estudos é que existem em vários lugares muitos cursos de pós-graduação em Arteterapia, dentro dos requisitos pedidos pela UBAAT – União das Associações de Arteterapia.

Carla Maciel, coordenadora desta pós-graduação no Instituto Junguiano da Bahia, tão bem expressa o papel da arteterapia:

Fundamental para nós é a expressão do subjetivo, o diálogo interno e a desmistificação

de conteúdos e símbolos inconscientes que tendem a nos assustar ou paralisar. A arte aqui é entendida como meio de expressão e não cabe abordar questões de ordem acadêmica ou plástica. O valor simbólico da produção artística, na visão da Arteterapia, precede o seu valor estético (MACIEL, 2008).

Na internet encontramos uma imagem que nos diz ser possível sim, dialogar com a arte, pois ela nos acolhe, nos escuta, nos orienta e nos mostra como estamos, e o caminho a seguir para sermos mais felizes!

Fig 6



(desconheço o autor)

Referências:

- CARNEIRO, C. *Criatividade e Cérebro: um jeito de fazer artezen*. Salvador: Ponto & Vírgula, 2004.
- _____. *Arte, Neurociência e Transcendência*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.
- _____. *Você sabe o que é Arteterapia?* Disponível no site www.artezen.org, acessado em 10/04/2014.
- JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. 22ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002
- _____. *O Espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 1985
- _____. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MACIEL, Carla. *A Arte “em” e “como” terapia*. *Jornal Metanoia*. Salvador: IJBA, 2008.
- _____. e Carneiro, Celeste (orgs). *Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2012.
- SILVEIRA, Nise. *O mundo das Imagens*. São Paulo: Ática, 1992.

Imagens de Carl Gustav Jung encontradas na internet:

- 1 - www.forademim.com.br/site/category/edicao/page/2/
 - 2 - [//pleromalvx.blogspot.com.br/2010/10/la-torre-de-carl-las-piedras-de.html](http://pleromalvx.blogspot.com.br/2010/10/la-torre-de-carl-las-piedras-de.html)
 - 3 - www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Lectrice/1961
 - 5 - <http://www.fonte.org.br/documentos/arnaldo.pdf>
- Fig 6 - <http://rodolfo.typepad.com/.a/6a000e554b11a2e8833011570e3e69a970c-popup>